



Valores humanos transformam escolas de Serra
PÁGINA 3



Em Feira de Santana, PM adota o Peas
PÁGINA 4



Monlevade é movida a voluntariado
PÁGINA 6

Nota10

Ano 10 • número 37
agosto/setembro/outubro de 2010
Publicação trimestral da
Fundação ArcelorMittal Brasil

SOMANDO ESPERANÇAS

Campanha dos Cidadãos do Amanhã se inspira nas operações da matemática para estimular doações que beneficiarão entidades de apoio a crianças e adolescentes.

Página 5

Jovem em treinamento na padaria da Apae de Piracicaba, que recebeu recursos do Cidadãos do Amanhã

IMPLODINDO O CARANDIRU

Um bom exercício de síntese é tentar definir uma situação, contexto ou história em uma única palavra. Pode parecer pretensioso ou até reducionista, mas não deixa de ser um esforço interessante e produtivo. Ao concluirmos a leitura desta edição do Nota 10, a palavra-síntese que nos vem à mente é valor. A ideia está embutida na matéria principal, a da campanha dos Cidadãos do Amanhã, que usa a matemática como mote para estimular a participação dos empregados, ou na adoção dos princípios do Programa de Educação Afetivo-Sexual (Peas) nos treinamentos de oficiais da Polícia Militar de Feira de Santana (BA). Outro exemplo de transformação operada por valores vem de Serra, no Espírito Santo, com a implantação do Programa Educação em Valores Humanos – um dos caçulas da Fundação ArcelorMittal Brasil – em dez escolas do município. Lá, impressiona especialmente a trajetória da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Valéria Maria Miranda que um dia foi chamada de Carandiru de Serra por conta de seus elevados índices de violência. Um ano depois da implantação do programa pela Prefeitura de Serra, o que se vê é uma escola renovada, de autoestima elevada. Enquanto o Carandiru real, a penitenciária de São Paulo conhecida pelo massacre de 111 presos, foi implodida, o Carandiru de Serra também está virando pó. Só que detonado pela força dos valores humanos.

Ricardo Garcia: Fundação é estratégica para o negócio



>> EM CADEIA

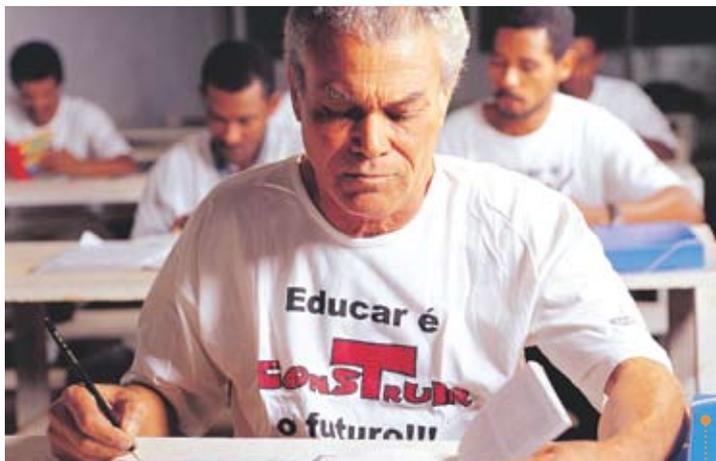
Educação no canteiro de obra

Os canteiros de obras da Santa Bárbara Engenharia precisam desenvolver, no mínimo, duas ações de responsabilidade social: implantação de turma do Programa de Educação Básica, voltado para alfabetização e educação básica de operários, e apoio a projetos de promoção do desenvolvimento das comunidades no entorno das obras.

Mais de mil profissionais já se formaram no Programa de Educação Básica, que completou 13 anos em 2010. “É o nosso carro-chefe”, afirma a gerente de Comunicação e Responsabilidade Social, Larissa Barbosa. Outras atividades desenvolvidas pela empresa são o programa de formação técnica, que oferece cursos de pedreiro, carpinteiro, azulejista e armador para pessoas da comunidade no entorno dos canteiros, e o de Educação pela Arte. Para desenvolver suas ações, a construtora conta com parceiros qualificados, como o Sesi, o Cefet e o Instituto Ayrton Senna. Este último é responsável pelo programa de Educação pela Arte, que beneficia 400 jovens em Minas Gerais e 80 professores na região Sudeste do Brasil, e auxilia a empresa a mapear as entidades no entorno das obras para a formação de parcerias.

Criada em 1967, a Santa Bárbara já concluiu mais de mil obras em todo o país nas áreas de edificações, infraestrutura, instalações industriais e óleo e gás. A empresa é cliente da ArcelorMittal na linha de aços para construção civil.

CRÉDITO: ARQUIVO SANTA BÁRBARA



Operário em aula do Programa de Educação Básica: carro-chefe das ações de responsabilidade da construtora

Novo presidente

A Fundação ArcelorMittal Brasil tem novo presidente. É o economista Ricardo Garcia, 45 anos, que assumiu em setembro a vice-presidência de Recursos Humanos e Relações Institucionais da Empresa. Há 21 anos no Grupo, Garcia é executivo de carreira na área de RH, tendo trabalhado também na área comercial.

Ricardo Garcia considera “estratégica” a atuação da Fundação. “Seus projetos sociais contribuem para o sucesso do negócio, agregando valor à marca e dando visibilidade para a empresa perante diversos públicos com os quais nos relacionamos”, argumenta ele, ao defender a continuidade e o fortalecimento do trabalho da Fundação, centrado em iniciativas que promovem a formação de crianças e adolescentes e estimulam o desenvolvimento local nos municípios de atuação da Empresa.

EDUCAR PELO CORAÇÃO

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Valéria

Maria Miranda, em Serra (ES), as salas não são nomeadas apenas segundo a lógica alfanumérica. Quando perguntados a que turma pertencem, em vez de 5ªA, 6ªB, 7ªC ou 8ªD, os alunos respondem que estudam na sala da “cooperação”, da “alegria”, da “solidariedade” ou da “não violência”.

A intenção de cultivar valores como paz, respeito e camaradagem permeia todo o ambiente da escola, que até pouco tempo era conhecida como ‘Carandiru de Serra’ por causa de seus altos índices de violência. Segundo a diretora Cláudia Maria da Silva, a transformação tem sido provocada pelo trabalho da atual gestão escolar, com suporte efetivo das ações do Programa Educação em Valores Humanos, implantado há um ano. “As ocorrências de agressão envolvendo alunos caíram 95%, enquanto os registros de destruição do patrimônio público despencaram 98%”, informa a diretora.

A Escola Valéria Maria Miranda é uma das dez que adotam o programa no município. Ela foi uma das três a abrigá-lo em caráter piloto a partir do segundo semestre do ano passado por iniciativa da Secretaria de Educação de Serra. As outras sete ingressaram este ano, já com o suporte da Fundação ArcelorMittal Brasil e da ArcelorMittal Tubarão. As escolas envolvidas abrigam cerca de sete mil alunos. Mais de 400 educadores foram capacitados, e cada aluno recebeu a cartilha do desarmamento e “O Livro das Virtudes”, do americano William J. Bennett.

Tocado pela gentileza

Educação em Valores Humanos é fruto de filosofia desenvolvida na Índia pelo educador Sathya Sai Baba, para quem “o coração é a fonte da verdadeira Educação”. No Brasil, é disseminada pelo Instituto de Educação em Valores Humanos, dirigido pelo

Programa baseado em valores humanos transforma o cotidiano de escolas de Serra (ES)

professor Gonçalo Medeiros. Em viagem à Índia, em 1991, ele foi ‘tocado’ pela filosofia. Estava em um bebedouro público, quando um garoto se aproximou, pegou o copo, encheu-o de água e serviu o professor. “Naquele momento me dei conta de que não havia aprendido a ser gentil”, relata Gonçalo. Nas escolas de Serra, Educação em Valores Humanos não é uma matéria dada à parte. “Trata-se de conteúdo interdisciplinar, transversal e que se vale das possibilidades de convivência oferecidas pelo ambiente escolar”, explica o especialista em responsabilidade social Paulo Henrique Marques, da ArcelorMittal Tubarão.

Os conceitos do programa foram introduzidos no cotidiano da Escola por meio de oficinas semanais oferecidas sempre no primeiro horário de cada turno. A instituição organizou o evento Valéria Valores Show, a Copa dos Valores – inspirada na Copa do Mundo da África do Sul – e estruturou um programa de monitoria, para exercitar o valor solidariedade. “Por meio dele, os alunos com melhor desempenho escolar colaboram com os colegas”, diz a diretora Cláudia Silva. O resultado desse movimento são alunos motivados e orgulhosos de pertencer à escola, pais que participam da rotina escolar e professores que hoje não temem mais trabalhar no outrora Carandiru de Serra.

Professor Gonçalo Medeiros durante treinamento de educadores em Serra: educação baseada na gentileza



COM OS ESPÍRITOS DESARMADOS

PM de Feira de Santana adota metodologia do Peas para melhorar relacionamento com adolescentes

A metodologia do Programa de Educação Afetivo-Sexual (Peas) está contribuindo para dar uma face mais humana à Polícia Militar de Feira de Santana (BA). Os oficiais que ingressam na corporação e aqueles que fazem especialização em ronda – soldados, sargentos e subtenentes – participam de treinamentos em que os princípios do Programa – respeito, afetividade e reconhecimento do adolescente como sujeito de direito – se misturam às técnicas tradicionais de atuação policial.

A iniciativa de incluir o Peas na grade de treinamento da PM de Feira de Santana é do sargento Alfredo de Moraes Neto, instrutor dos programas de capacitação de oficiais da corporação. Há 10 anos na PM, com formação em

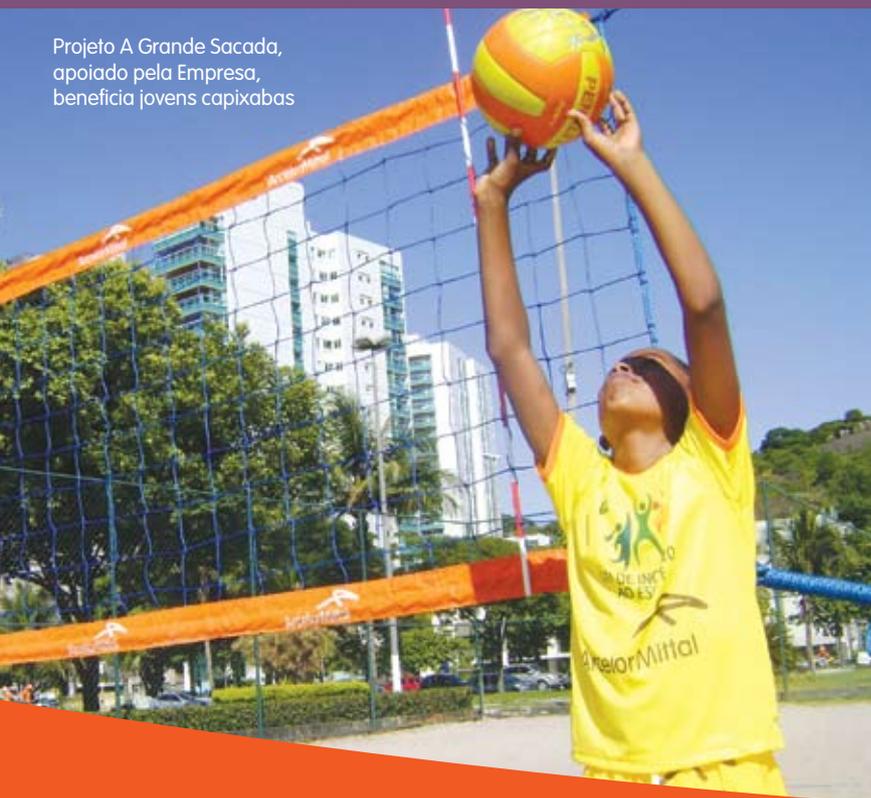
psicologia e pós-graduação em saúde mental, sargento Neto foi treinado na metodologia do Peas há quatro anos, quando o programa começou a ser implantado na rede pública de ensino. Mais tarde, virou capacitador e um difusor entusiasmado da iniciativa.

Os princípios do Peas já foram levados a cerca de 700 policiais. “Nossa intenção é alcançar todo o nosso efetivo, cerca de 1.200 homens”, estima o sargento Neto. Ele diz que Peas mudou a sua forma de enxergar o adolescente – principalmente aquele em situação de risco social – e acredita que o mesmo ocorrerá com seus colegas de farda. “Comecei a visualizar o jovem que havia em mim e a recordar que um dia também fui adolescente com todas as especificidades que essa fase da vida carrega”, conclui.

>> ESPORTE

INCLUSÃO NAS AREIAS

Projeto A Grande Sacada, apoiado pela Empresa, beneficia jovens capixabas



CRÉDITO: WWW.PROJETOAGS.WEBNODE.COM.BR

Mais de 600 jovens participam de projeto de vôlei de praia apoiado pela ArcelorMittal no Espírito Santo

Saques, bloqueios, cortadas e defesas. Desde abril, a adrenalina corre solta nas areias do Espírito Santo com o projeto de vôlei de praia A Grande Sacada, que envolve 650 jovens em situação de risco dos municípios de Vitória, Vila Velha e Cariacica. Dos seis núcleos, cinco são apoiados pela ArcelorMittal Brasil por meio de recursos da Lei Federal de Incentivo ao Esporte.

O projeto foi idealizado por Adriano Fonseca, ex-atleta da modalidade, e por seu ex-técnico Leandro Brachola. Fonseca atuou nos circuitos brasileiro e mundial de vôlei de praia nos últimos dez anos, mas encerrou a carreira em 2010, aos 28 anos, por conta de uma lesão no ombro. A paixão pelo esporte e o desejo de levar sua experiência aos jovens o estimularam a formular o projeto e a buscar recursos para viabilizá-lo. “Grande parte dos participantes são carentes e têm dificuldades de acesso a atividades físicas”, justifica Adriano. A cada 15 dias, a coordenação do projeto organiza festivais (torneios) envolvendo duplas formadas nos núcleos. Apesar do pouco tempo, Fonseca já observa resultados positivos – “as crianças estão muito envolvidas” – e histórias de superação. Ele cita o caso de um garoto de 14 anos do núcleo de Vila Velha, portador de distrofia muscular no braço direito que dificulta seus movimentos. “Ainda assim, é um dos mais assíduos”, conta Adriano.

Campanha dos Cidadãos do Amanhã se inspira em operações matemáticas para mobilizar empregados, familiares, fornecedores e clientes

MULTIPLICAR A SOLIDARIEDADE

“Quem contribui, multiplica esperanças e diminui diferenças”. Essa frase simboliza a ideia-força da campanha 2010 do Programa Cidadãos do Amanhã, que recorre à matemática para sensibilizar os empregados a somarem esforços. “É a matemática da solidariedade”, resume a analista de projetos Iramia Rodrigues Colen, responsável pela operacionalização do Programa.

No quesito número de contribuintes, a expectativa é de que a multiplicação prevaleça. É que pela primeira vez o Programa envolve empregados da ArcelorMittal Tubarão, ArcelorMittal Vega, ArcelorMittal Serra Azul e ArcelorMittal Manchester, empresas que recentemente entraram no escopo de atuação da Fundação ArcelorMittal Brasil. A edição de 2009 contou com 6.775 participantes, que contribuíram com R\$ 1,25 milhão. Mais de 60 instituições foram beneficiadas – juntas, elas atendem 10,3 mil crianças e adolescentes.

O especialista em projetos Claude Mines, da Belgo Bekaert Arames (BBA), é um dos empregados que ajudam a “multiplicar transformações”. E o faz desde a primeira edição do programa, em 1999. Este ano, foi dos primeiros a lançar sua contribuição no sistema que gerencia as doações. Profissional com uma rotina apertada de trabalho e viagens, Claude vê no Programa uma forma segura e confiável de oferecer sua parcela de contribuição. “Infelizmente, não tenho tempo para exercer trabalho voluntário”, justifica.

Por meio do Programa, empregados podem destinar até 6% e empresas até 1% do imposto de renda devido aos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente dos municípios de atuação da ArcelorMittal. Doações avulsas também podem ser feitas. Os recursos são repassados a entidades que atendem crianças e adolescentes. O empregado deve acessar o site da Fundação (www.famb.org.br), preencher a ficha e entregá-la ao coordenador de sua unidade de trabalho até 19 de novembro.



Modelo de cartazete da campanha, que aposta na mobilização para “multiplicar transformações”

FERMENTO NO BOLO

Doação + oficinas x crescimento pessoal = Apae de Piracicaba. Graças aos recursos do Cidadãos do Amanhã, essa equação se transformou em realidade na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) do município paulista. A entidade recebeu este ano R\$ 43 mil para pôr em funcionamento uma padaria. O dinheiro é usado para bancar os salários de um padeiro e de dois instrutores que ensinam os jovens a preparar pães, doces e outros produtos. Dez jovens assistidos pela Apae já estão empregados em uma fábrica de bolachas, supermercados e padarias no município.

CIDADÃOS EM NÚMEROS (1999 A 2009)

- Valores arrecadados: R\$ 13,17 milhões
- Entidades beneficiadas: 570
- Crianças e adolescentes atendidos: 145 mil



Empregada da ArcelorMittal em ação na Creche Luz aos Pequenininos: exemplo da força do trabalho voluntário

CRÉDITO: LUCAS VIEIRA

PEQUENINOS ILUMINADOS

Um exemplo da força do trabalho voluntário está edificado na Creche Luz aos Pequenininos, construída em 2005. Ela foi criada há 18 anos no bairro Loanda, em uma casa alugada, e durante muito tempo conviveu com as dificuldades típicas de creches comunitárias, como problemas de gestão e de arrecadação de recursos.

Tudo mudou quando os voluntários entraram em cena. Eles mobilizaram ampla rede de parceiros no município e ergueram o prédio. “É uma obra belíssima, construída com o esforço dos voluntários que puseram a mão na massa”, lembra a diretora Gilza Brum, que hoje define como “privilegiada” a situação da creche.

Segundo ela, a Luz aos Pequenininos, que recebe 92 crianças, não enfrenta mais problemas de gestão financeira – assumida pelos próprios empregados da ArcelorMittal – e tem mais facilidade para arrecadar recursos, já que conta com a confiança da comunidade. “Quando viu o empenho dos voluntários, a população de Monlevade percebeu que a causa era justa”, diz Gilza. Os 28 funcionários têm seus salários bancados pela Prefeitura.

A primeira sede da creche Luz aos Pequenininos, no bairro Loanda, e que a princípio seria desativada, continua funcionando e conta também com apoio dos empregados da ArcelorMittal Monlevade.

UNIDAS PELO CORDÃO UMBILICAL

Programas da Fundação contribuem para fortalecer estrutura de atuação social em Monlevade

João Monlevade, no Vale do Aço, é um desses lugares cuja evolução se confunde com a trajetória de sua principal empresa, a ArcelorMittal, erguida ali em 1937 e a partir da qual se formou o núcleo urbano da cidade, hoje com 75 mil habitantes. O raciocínio vale, inclusive, para a estrutura de proteção social do município, baseada, em grande parte, nos programas da Fundação ArcelorMittal Brasil e nas próprias iniciativas da Usina de Monlevade. “Empresa e cidade mantêm uma relação umbilical”, define o especialista em Comunicação João Carlos de Oliveira Guimarães, responsável pela gestão de responsabilidade social da empresa. Sua equipe coordena e opera 22 programas no município. Entre os da Fundação, o leque abrange desde iniciativas voltadas para acuidade visual e auditiva de crianças – Ver e Viver e Ouvir Bem para Aprender Melhor – até programas destinados à preparação do jovem para enfrentar os desafios contemporâneos, como o Cidadania Digital e o de Empreendedorismo Juvenil, passando pelo projeto cultural Musicalização. Uma das iniciativas de maior capilaridade no município é o Pró-Voluntário, que mobiliza boa parte dos empregados da empresa. Pelo menos 200 profissionais, calcula João Carlos, participam regularmente das atividades do programa, enquanto perto de 800 se mobilizam em campanhas esporádicas, como doação de sangue e de medula óssea.

O programa é estruturado em núcleos: terceira idade, dependência química, meio ambiente, criança e adolescente, educação e saúde. Este último reúne os voluntários do Serviço Voluntário de Resgate (Sevor), que presta socorro a acidentados nas BR-381 e 262. Criado há 10 anos, o Sevor é uma iniciativa que começou na Usina de Monlevade e acabou transpondo os muros da Usina, sendo abraçado por voluntários de outras empresas e instituições da região.

A FUNDAÇÃO EM MONLEVADE

- Ver e Viver
- Ouvir Bem para Aprender Melhor
- Programa de Educação Afetivo-Sexual (Peas)*
- Educar na Diversidade
- Prêmio ArcelorMittal de Meio Ambiente**
- ArcelorMittal Cultural
- Pró-Voluntário
- Empreendedorismo Juvenil
- Cidadania Digital
- Cidadãos do Amanhã

*Programa também desenvolvido em Rio Piracicaba, município de influência da ArcelorMittal Monlevade;

**Desenvolvido também Bela Vista de Minas, Nova Era e Rio Piracicaba

DE OLHO NA 'MOLECADA'

Uma cena recorrente observada pela gerente de área administrativa, Olinda Gardin, da ArcelorMittal BioEnergia, nas ruas de Martinho Campos, no Centro-Oeste mineiro, sempre a incomodou: o grande número de pré-adolescentes e jovens ociosos, sem lazer. Essa falta de perspectiva a levou a batalhar pela implantação, nas escolas do município, do Programa de Educação Afetivo-Sexual (Peas), que trabalha com questões relacionadas ao protagonismo e à autoestima juvenis.

Com a ajuda de sua equipe administrativa, Olinda coordena cinco programas da Fundação ArcelorMittal Brasil nos municípios de Martinho Campos, Abaeté, Bom Despacho, Dorés do Indaiá e Quartel Geral, todos sob a influência da ArcelorMittal BioEnergia. Além do Peas, 'aquisição' recente do Centro-Oeste, as cidades da região abrigam o Ver e Viver, o Ouvir Bem para Aprender Melhor, o Cidadãos do Amanhã e o Prêmio ArcelorMittal de Meio Ambiente.

A preocupação com a infância e adolescência é um traço da personalidade da gerente, o que faz com que tenha o perfil ideal para coordenar programas da Fundação, cujo foco é exatamente a criança e o jovem. "Temos que investir nessa 'molecada'. Afinal, cabe a ela dar um jeito no planeta", brinca Olinda. Olinda Gardin tem 24 anos de Grupo ArcelorMittal, dos quais 20 em Carbonita, sede de outra unidade da ArcelorMittal BioEnergia, onde também coordenava as atividades da Fundação. Lá, sua inserção na comunidade foi tão intensa, que chegou a presidir, durante quatro anos, a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae).



CRÉDITO: ARQUIVO PESSOAL

Olinda Gardin em atividade do Programa Ver e Viver: preocupação com o futuro da juventude

>> CULTURA

BALÉ DA CONSCIÊNCIA

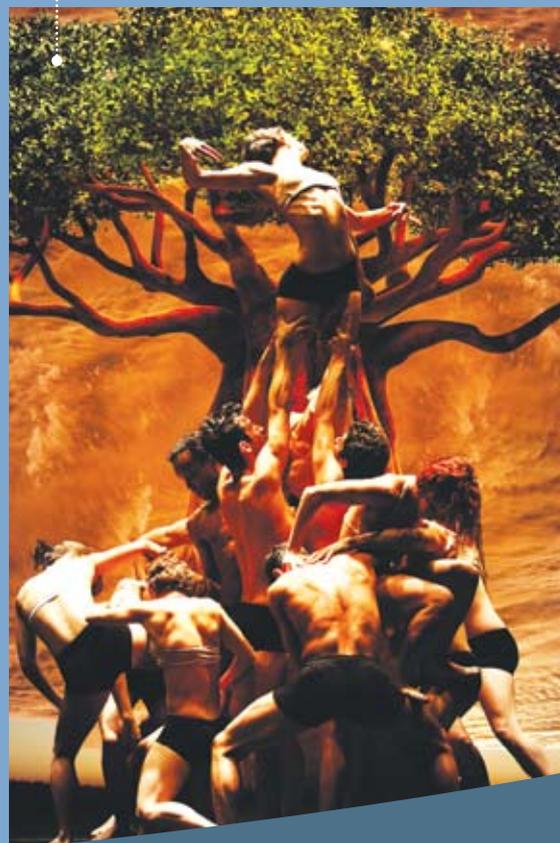
ArcelorMittal patrocina espetáculo que usa a dança como instrumento de educação ambiental

Árvore mitológica que, com seus galhos peculiares, copa majestosa e tronco volumoso, transformou-se em 'personagem' do clássico O pequeno príncipe, o Baobá é fonte de inspiração de projeto patrocinado pela ArcelorMittal por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

Concebido pela Companhia Cisne Negro, de São Paulo, o espetáculo de dança Baobá já foi apresentado em Feira de Santana e Contagem, dois municípios de influência da ArcelorMittal, e ainda este ano será levado a Joinville, cidade próxima a São Francisco do Sul (SC), onde opera a usina da ArcelorMittal Vega. Em sua passagem por Contagem, reuniu, no dia 22 de setembro, cerca de 500 crianças de cinco escolas públicas do município. "É um trabalho gratificante. Ao final das apresentações, as crianças aplaudem e gritam com tanto entusiasmo que fico com a sensação de que o nosso objetivo de transmitir valores presentes em uma obra como Pequeno Príncipe foi alcançado", analisa a coreógrafa Dany Bittencourt, da Cisne Negro. Segundo ela, o Teatro-Dança foi a linguagem usada pela Companhia para transmitir valores como responsabilidade, amor, amizade e o atualíssimo tema da sustentabilidade do planeta. "A palavra é essencial. Por isso, nossos bailarinos se transformam em atores-cantores para transmitir mensagem tão importante", argumenta Dany.

Em torno do espetáculo, a Cisne Negro estruturou um projeto de educação ambiental que inclui a leitura em sala de O Pequeno Príncipe, apresentações e um concurso de poesias produzidas a partir dos conhecimentos aprendidos.

Cena de Baobá: dança como instrumento de educação ambiental



CRÉDITO: ARQUIVO COMPANHIA CISNE NEGRO

"A ARTE CAUSA DEPENDÊNCIA"

Rodrigo Pederneiras em ensaio com crianças do Grupo Cidadão; no detalhe, a diretora-executiva Miriam Pederneiras: crença no poder transformador da arte



A arte como instrumento de inclusão social e de prevenção a fatores que levam os jovens à criminalidade. É assim que os irmãos Rodrigo e Miriam Pederneiras, do Grupo Corpo, analisam o trabalho da ONG Grupo Cidadão, fundada há 12 anos e que ensina dança e música a cerca de 600 crianças carentes em favelas de Belo Horizonte e em um sítio em Ibirité, na região metropolitana da capital mineira. Rodrigo é o criador das aclamadas coreografias do Grupo Corpo. Apesar da extensa agenda de viagens pelo Brasil e exterior com a Companhia, encontra tempo para montar um espetáculo por ano com as turmas experimentais da ONG. Já Miriam, que encerrou a carreira como bailarina da Companhia há 15 anos, é a diretora-executiva da entidade, um ofício que exerce com a mesma paixão dos tempos em que exibia sua leveza pelos palcos do mundo. Ela acredita no poder transformador da arte. "A arte causa dependência. É a droga mais forte". Nesta entrevista ao Nota 10, os dois relatam detalhes do trabalho social do Grupo Corpo.

Como o Grupo Cidadão trabalha?

Rodrigo - As crianças aprendem nas oficinas de arte a questão da convivência com o outro. Por meio da música, da dança e das artes plásticas, que são ferramentas maravilhosas, elas percebem os potenciais que possuem e podem desenvolver. A formação de um bailarino não demanda apenas a técnica de balé, é algo mais profundo, focado na socialização. Mas para que ela aconteça é fundamental a educação aplicada pelo Grupo Cidadão, cujo trabalho está assentado nos pilares família-escola-instituição.

Miriam - Além disso, a convivência em meio à diversidade de cada um estimula o respeito entre elas, e o autoconhecimento de que cada uma tem uma beleza, um tempo. E quando essa criança crescer, talvez não siga carreira como bailarina, mas é certo que será uma pessoa bem-sucedida em qualquer área que abraçar.

Vocês têm uma idéia do impacto da ONG na vida dos alunos?

Miriam - Quando se faz uma avaliação dos resultados do Grupo Cidadão chega-se à conclusão de que há uma diferença brutal de desenvolvimento entre as crianças que participam da ONG e as que não participam. As que são do Grupo tornam-se mais proativas para criar e propor ideias, ou seja, ficam mais aptas para o ensino.

O chamado protagonismo juvenil...

Miriam - Não poderíamos afirmar isso, por serem apenas crianças, mas elas aprendem a ser mais autônomas e perdem um pouco a vergo-

nha de se expor, de perguntar. Essas questões estão sendo avaliadas pelas escolas e também pelas famílias, que observam mais o que essas crianças têm feito em casa e se preocupam com o nível de felicidade dos meninos ao participarem de nossas atividades.

Os meninos têm potencial para integrar a equipe principal do Grupo Corpo?

Rodrigo - Antes do talento, vem a questão educacional. Para se tornar um bailarino profissional, a regra é se dedicar. A família nesse processo é importantíssima. Qualquer problema em casa os impede de frequentar os ensaios. Eles aprendem muito mais questões sobre a vida do que propriamente sobre o balé. Meninos que já se envolvem com drogas resgatam a autoestima, por exemplo. Eu acho que, de um lado, eles precisam ter uma força de vontade e, do outro, a gente precisa oferecer apoio, carinho e compreensão.

Alguma história de vida se destaca entre os meninos?

Miriam - Algumas de sucesso e outras tristes. Destaco um jovem que está conosco desde 2001 e que se tornou um educador. Ele vem de uma família bem desestruturada, composta por mais dois irmãos: um gêmeo dele e outro mais novo. O mais novo, de 16 anos, pulava os muros das casas para assaltar, enveredou no caminho das drogas e foi assassinado. Levamos o garoto, que estava abalado, para uma fazenda de recuperação e o isolamos do meio, já que vinha sendo estimulado a vingar a morte do irmão. Ele precisou ficar um tempo internado, mas hoje é educador.